

ILHA GRANDE FECHADA: A REPRESENTAÇÃO DA NAÇÃO

Lúcia Helena Marques Ribeiro*

O Ano Novo não era um novo ano; era uma cantoria igual a todos os anos. Todos os anos se matava o porco, o mesmo porco. Todos os anos nascia o mesmo menino Jesus depois das mesmas novenas [...] todos os anos se semeava o mesmo milho... Se tirava o vinho novo que repetia o vinho de sempre... e tudo sempre o mesmo ciclo e círculo até que Deus viesse com o ponto final.¹

*Um escritor é um fingidor de realidades*². Com essas palavras Daniel de Sá define-se e define a sua atividade literária e o papel da ficção que, de qualquer forma que se apresente, nunca está muito longe da circunstância açoriana, portuguesa ou mesmo humana. A sua obra traz a representação, seja da vida nas Ilhas seja da guerra, ou simplesmente da sua vivência de *pátria* ou de *nação*, sempre questionadas quando existem sacrifícios humanos em jogo.

Nascido na freguesia Maia, concelho da Ribeira Grande, na Ilha de São Miguel em 2 de março de 1944, Daniel de Sá fez o Curso de Magistério Primário, cursou Filosofia e saiu da Ilha para frequentar o curso de Teologia no seminário Comboniano de Valência, Espanha. Após a experiência no exterior, optou por lecionar no ensino Básico, na Maia, onde escolheu continuar vivendo.

A sua narrativa pode ter como cenário tanto a África e a infernal guerra que presenciou, como a Espanha, os EUA, ou mesmo os Açores. Em todas as suas obras encontra-se o testemunho de um tempo desordenado, confuso: o seu tempo. Porém, dentro dessa mundividência, encontra-se o viver açoriano e a aguda observação do autor diante dos valores e das regras que esse viver impõe. Assim é em todas as suas obras publicadas, entre elas: *Gênese* (1982); *O espólio* (1987); *Um Deus à Beira da Loucura* (1990). O autor publicou também dois livros de histórias curtas: *Sobre a Verdade das Coisas* ((1985) e *A Longa Espera* (1987),

*Mestre e Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Literatura Portuguesa. É professora adjunta do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília.

contos e parábolas sobre o Natal. *Bartolomeu* (1988), texto para teatro. Publicou também *E Deus Teve Medo de Ser Homem* (1988) e *Ilha Grande Fechada* (1992), além de um livro de poemas publicado em 1979, *Em Nome do Povo. Amém*.

Dessas obras, merece destaque *Crônica do Despovoamento das Ilhas* (1995). Como o título indica, o autor apresenta uma grande crônica formada, na verdade, por onze situações e histórias cotidianas que resgatando registros históricos esbarram, contudo, na ficção (ou é a ficção que esbarra na história?). Em cada uma das onze crônicas Daniel de Sá aborda, muitas vezes utilizando-se da sátira e do bom humor, fatos, acontecimentos comuns, conhecidos ou não, dos muitos que impregnam o imaginário e a história açoriana e portuguesa de Gaspar Frutuoso até os dias atuais:

Uma das maneiras mais seguras de não cair na culpa do plágio é escrever histórias da História, pois nunca se ouviu acusar ninguém de estar a plagiar outro que tenha dito, antes dele, que D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal ou que D. Sebastião morreu na batalha do Alcázer-Quibir.³

Contando a história dos Açores, ou revendo a História de Portugal, o autor une imaginação e o imaginário popular com um profundo humanismo, e vai tecendo a curiosa narrativa dessa obra. Entre escravos que se vestem com as roupas do senhor e roubam o seu lugar, amantes que fogem com o namorado, adúlteras perdoadas, um ouvidor teimoso e um corregedor desobediente, o autor propõe momentos de alguma reflexão sobre a própria história portuguesa quando aborda a emigração e a trágica travessia do Oceano em pleno século XVIII, quando os açorianos se aventuravam em busca de mais espaço e de uma vida melhor:

Os dias passavam longos como pedaços de uma eternidade de Inferno [...] na exígua galera se encontrava a fornalha da coberta a que fugiam os homens, o frio das noites no convés onde muitos se constipavam ou adoeciam de pneumonia por dormirem ao relento, a fome dos estômagos esvaziados pelos vômitos ou mal cheios de comida a que nem o vinagre disfarçava o mau gosto, a sede que a água, começada a cobrir-se de verde pestilento e a encher-se de bichos peçonhentos ao fim de duas semanas de viagem, não saciava bem, antes fazendo adoecer muitos dos que a bebiam, e a cada dia passado pior era, e o desespero de ter deixado a ilha sem saber se a tanto padecimento correspondia um purgatório passageiro ou uma condenação definitiva. (P. 196)

A narrativa dos escritores açorianos Pós-25 de Abril tenta mostrar a surpresa do próprio açoriano frente a sua História e o seu particular viver entre um céu que desaba em enxurradas, que tudo levam por diante, e um chão titubeante, que ameaça tremer, empurrando todos, igualmente, num viver controlado pela religião, por rígidas regras sociais ou, quem sabe, simples estratégia de sobrevivência. A essa circunstância estético-literária Vitorino Nemésio chamou de «açorianidade». Na verdade, essa açorianidade que se manifesta como estética

da insularidade está carregada de significação enquanto elemento da identidade portuguesa quando traz no seu conteúdo uma herança, um legado comum, ou um princípio espiritual, como expressa Ernest Renan em *What is a nation?*

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas, as quais, na verdade, são uma, constituindo essa alma ou princípio espiritual. Uma situada no passado, outra no presente. É uma posse em comum de um legado de memórias...⁴

Ilha Grande Fechada é uma novela que, em nove capítulos, conta a história de João, um romeiro como os muitos que nascem e crescem nas ilhas açorianas. A narrativa costura o passado e o presente, a história do País e o drama pessoal do seu protagonista, que volta de uma guerra que não consegue esquecer, que quer ir embora da Ilha, mas antes torna-se seu peregrino para, talvez, nunca esquecê-la no exílio. João cumpre a sua romaria em nove dias que passa a pão e água, caminhando; último ato antes da sua partida. «A ilha, toda inteira. Passo a passo há-de João andá-la de ponta a ponta [...] cinqüenta léguas cumpridas de cansaços e Ave-Marias.» (p. 10)

De repente, o mar detém-se. E a ilha defende-se de ser água por detrás dos muros das arribas.⁵

João paga uma promessa feita no desespero. Nascido numa minúscula ilha vulcânica, tem de ir para uma guerra que não entende, distante, quase inexistente. Queria ser esquecido por ela e casar com Irene. Fez promessa, mas foi lembrado. Acabou vinte e tantos meses em Angola, promovido a herói português, sem as honrarias de um Bartolomeu ou de um Vasco. Apenas um pesadelo. «Um pesadelo de quinhentos anos, de traficantes e de negreiros, de misérias e de grandezas, de mapas cor-de-rosa e rotas cor de sangue.» (p. 10)

A obra se resume em nove capítulos, todos com subtítulos emprestados, como homenagem, de outras obras de escritores açorianos: *Lugar de Massacre* de José Martins Garcia; *Gente Feliz com Lágrimas* de João de Melo; *Uma Pedra no Sapato* de Artur Veríssimo; *(Sapa) Teia Americana* de Onésimo de Almeida; *Sabeis Quem É Esse João?* de Álamo Oliveira; *Longe É Aqui* de Lúcia Costa Melo; *As Brancas Passagens do Silêncio* de Eduardo Bettencourt Pinto; *Raiz Comovida* de Cristóvão de Aguiar e *A Viagem Possível* de Emanuel Félix. Em cada título, está o significado das situações vividas pelo romeiro. Cada capítulo é um dia na vida de João; uma volta nas recordações que montam a sua história ou a da sua Pátria:

Mas maior Pátria é a Humanidade, milhões de vezes traída à honra de uma idéia ou de uma bandeira. E em nome de Portugal se fez tantas vezes a conquista por um rei ou por um credo [...] Portugal, que não estava nas pontas das espadas nem nos bojos dos canhões, mas ficava eternamente adormecido no seu lugar de exílio à beira-mar da Europa. (P. 20)

Daniel de Sá propõe uma outra *açorianidade* quando revolve, no terreno minado dos sentimentos dos portugueses de todos os lados, o cenário bárbaro da Guerra Colonial; quando entra na modernidade do questionamento sobre nação. A chamada literatura de guerra acaba por sustentar algumas posições sobre o colonialismo e sobre a libertação colonial que coincidem com as narrativas de alguns autores africanos que também trataram do tema; ainda que observando do ângulo contrário, acabam por levantar teses afins:

Em primeiro lugar, há a «narrativa da nação», tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou «representam» as experiências compartilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação.⁶

Em *Ilha Grande Fechada*, o autor transforma em romeiro um ex-combatente que, antes de emigrar, cumpre a sua promessa. No desejo de João de partir para o Canadá, Daniel de Sá levanta mais um ponto dolorido da vivência açoriana (portuguesa?), elemento de convivência obrigatória no universo das ilhas (ou do continente): a emigração. Durante nove dias, João despede-se da sua Ilha fazendo um rosário dos lugares por onde passa, derradeiro roteiro onde mistura, com as imagens da própria vida, pequenas histórias e lendas locais, como para memorizar numa tabuada geográfica o que não quer esquecer no exílio. Emigrar significa a travessia salvadora, alcançar o *outro lado*: uma forma do ilhéu, *margem* em seu próprio país, alcançar o *centro*; deixar de ser ilha, historicamente apenas passagem, caminho para algum lugar:

Uma ilha grande, fechada, que durante muito tempo só se abriu para deixar sair gente. A única mensagem de libertação que lhe chegava estava gasta por quase dois mil anos de interpretações acomodadas, salvando os pobres numa redenção de mortos, e garantindo aos ricos a felicidade eterna pelos lugares nos primeiros bancos da igreja e pelas varas do pátio nas procissões anuais. Todo o trigo mirrava com a alforra da avareza, fazendo da fome a padroeira-mor da ilha. Por isso se aceitava a servidão, em nome errado de Deus e pela ordem podre da pátria, como uma benção maldita. (P. 9)

No primeiro capítulo, João começa a rememorar a guerra. Descreve o seu cotidiano com a morte. Aprendeu, então, que o medo tem muitas faces. O medo de enchentes e de terremotos ficou na Ilha. Nesse capítulo intitulado *Lugar de Massacre*, como no livro de José Martins Garcia, João vê seus companheiros morrerem, é ferido. «A cruz de guerra de Quarta classe era, pois, o seu diploma de herói. Custara-lhe metade da vida em vinte e seis meses de morte.» (p. 16) Uma rajada de metralhadora lhe abriu a barriga e lhe deixara impresso na alma todos os horrores que havia vivido na guerra da África.

Ainda nesse capítulo, há uma longa reflexão sobre a história, o Império, a guerra e as suas razões. João aprendera em dois anos de padecimento no campo de batalha que era falsa a razão pela qual lutara. A mesma razão pela qual homens embarcaram em busca de rotas e terras novas. Lembra do primeiro combate e do imenso medo de saber que a morte estava mais do que perto, estava junto:

Só depois dessa visão apenas apercebida da morte, João começou a compreender que a guerra era exactamente como ele a imaginara, mas com a assombrosa diferença que lhe punha a realidade. Assombrosa diferença com que marcara irremediavelmente saber que sua vida era um acaso, ou que lhe ficou tão nítida por causa do António, parecido com um cão atropelado a todo o comprimento do seu corpo por um caminhão de trinta toneladas. (P. 19)

João inicia a sua peregrinação. Despede-se da mulher e dos filhos e começa a caminhar pela geografia da sua Ilha, um derradeiro olhar antes da partida. «Por muito pior já passara, e a cruz de guerra de quarta classe era o testemunho desse tal milhão de horrores, porque um diploma assim só se dá a mortos ou aos que o foram quase.» (p. 15)

No segundo capítulo, ou segundo dia, João já começa a sentir o cansaço. Pela primeira vez dorme fora de casa e longe de Irene, desde que voltara da guerra. Acorda de madrugada, lava-se às pressas e sai para cumprir o trecho daquela jornada. Cada lugar tem a sua história, como a da igreja de Santo António construída com o basalto ilhéu, em estilo barroco tardio e com a ajuda do próprio pároco que ainda vivia, beirando os cem anos. «Da melhor madeira que há na igreja muita a recolheu ele mesmo, amarrado a uma corda sobre as rochas porque a ilha cai ao mar naquelas bandas»... (p. 30)

No subcapítulo que toma emprestado o título a João de Melo, *Gente Feliz com Lágrimas*, começa por questionar a guerra, espaço no qual lutava sem saber contra quem nem por que causa. «Anunciar-se inimigo de gente que nunca vira, em nome de um rei possivelmente a caçar, nessa hora pelas coutadas de Sintra, ou pintando, por desfastio, num palácio de Lisboa.» (p. 36) E a história do Império se repete:

Se a História, cinco séculos antes, houvesse sido feita ao contrário, se, em vez de o caminho marítimo para a Índia ser primeiro percorrido pelas naus de Portugal, tivesse um samorim, honrando o título, mandado com êxito barcos seus à procura de rumo que os trouxesse à Europa, não nasceria o Império, não ficariam os campos por cultivar, não viriam hordas morrer famintas aos pés da gorda e pútrida corte de Lisboa, porque não se despovoaria o Reino, por não haver cidades a conquistar e manter nem castelos a construir e defender [...] não se teria desperdiçado sangue novo e são com mortes de escorbuto e de lançadas, não se haveria ganho a ilusão de possuir o mundo até a metade... (p. 35)

João conta, também, a sua chegada de volta à Ilha, como sobrevivente de guerra. A volta para casa, origem da sua promessa, a utópica *Ilha dos amores*, a

própria Pátria, o seio da família, uma vida cotidiana impossível para o guerreiro, para o herói; a *Ilha dos Amores* como utopia de uma nação que se formou através de separações e guerras. «O cetáceo de ferro foi manobrando sem saber da pressa que trazia dentro e que o esperava fora.» (p. 37) E, finalmente, o encontro com Irene, a namorada da infância que o esperava com a paciência aprendida no rigor de uma educação vigiada, de muitas rezas e trabalho duro:

João e Irene. Os corpos tocaram-se, finalmente, como se não fosse verdade, agredindo-se numa violência de abraços e de beijos, o coração dele a bater mais forte do que em muitos combates, o de Irene com um espanto igual ao de quem assistisse a uma ressurreição. (P. 39)

No terceiro dia, João anima-se com o possível encontro com a mulher e os filhos, apesar do sono e do cansaço começarem a cobrar o seu preço. O encontro é alegre, a mulher dá-lhe notícias da cadela Diana que não come desde a sua saída, o que leva João a pensar no quanto será triste deixá-la quando partirem da Ilha. Ainda no terceiro capítulo, de apropriado nome *Uma Pedra no Sapato*, revendo as suas memórias, João lembra a paixão por Olga, que tinha o Canadá nas suas formas provocantes, no cabelo louro falso, no perfume e na maquilagem que em nada lembrava Irene ou aquela ilha. «Aquela mulher tinha o demônio no corpo, mas era um demônio bom e doce, como bom parece quase sempre e doce costuma ser.» (p. 56). Lembra quando, em uma festa, fica plantado com dois sorvetes na mão, sem saber o que havia sido feito da namorada quando esbarra em Olga e ela lhe pede o sorvete:

– Hás-de ser tu que me vais pô-lo na boca, para eu não sujar as mãos. Ele obedeceu sem protestar [...] João foi-lhe chegando o gelado ao pé da boca, no ritmo apressado de querer que a brincadeira acabasse sem demora, mas Olga mordiscava só um pouquinho de cada vez, rindo-se sempre e tentando moderar-lhe a cadência com um gesto de mão direita e uma frase qualquer [...] se não tivesse gente a ver, agarrava naquela mão, naquele corpo delgado, naquela mulher que o desatinava, e fosse o que fosse. Assim ficou calado, muito quieto, a não querer espantar-lhe o contacto quente dos dedos, a desejar que ela ficasse ali, indefinidamente no gesto de o deter sentindo o hálito perfumado do seu sorriso, a tentação tépida do seu corpo pegado ao dele. (P. 56)

No quarto dia, João tem de tratar dos pés, muito machucados da caminhada, assim como o estômago, a pão e água. Pára no Hospital de Vila Franca do Campo, primeira capital da Ilha. Um terremoto anunciado por um frade tirou-lhe um pouco a importância. A religião, certamente, sai vitoriosa mais uma vez quando a natureza confirma a ameaça:

E até ouviu dizer que um frade anunciara, na véspera da catástrofe, que esta viria como castigo de Deus contra os pecados sem emenda nem arrependimento

[...] E também que as romarias são um modo de sustentar a ira vingadora de Deus, sempre imaginada quando a terra treme. (P. 62)

No quinto dia, o pó cobre o romeiro que já pede por chuva. João relembra o namoro com Olga, e a vergonha de Irene quando toda a vila toma conhecimento do acontecido; e a fúria da futura sogra que não queria uma filha largada. A história vira um acontecimento local, com a opinião pública, entidade onipresente e onisciente das Ilhas, a espalhar conclusões, as mais desbaratadas, sobre o desfecho do caso. Olga vai-se para o Canadá. No sexto capítulo a chuva encharca as roupas de João e apaga a poeira do caminho. Nas memórias, a desilusão com Olga e a volta para Irene. «João vai chegar com um discurso estudado. Juras de amor e desculpas. Coisa bonita de ouvir-se»... (p. 136)

No sétimo dia, João chega à cumeeira das Sete Cidades, uma das mais belas paisagens de São Miguel. É uma cratera de um vulcão outro azul. «Ali, Deus dispensa o altar e a liturgia, e qualquer pregação, que seja mais do que a paisagem somente, são palavras inúteis.» (p. 140) João revê a lenda da origem dos lagos, mais uma das muitas que compõem o universo das Ilhas ligadas pelo mesmo mar... «porque a única ilha são as nove, remendos soltos de pedaços de chão cosidos pelas linhas de um horizonte de mar» (p. 152).

Raiz Comovida é o subtítulo do oitavo capítulo em que, como na obra homônima de Cristóvão de Aguiar, a personagem refaz num poema todos os elementos que compõem a sua raiz de ilhéu: o basalto, a bruma, a hortêncina, a gaivota, o mar, o mormaço, a baleia, o verde, «na memória das gentes a recordar que aqui houve a coragem de ser ilha» (p. 154). Nessa última noite, João tem um sono inquieto, muitas imagens da Ilha, do Canadá, da mulher e dos filhos, do pai, da mãe, das vacas, da cadela e da égua, tudo em movimentos de pesadelo, como o que vivera quando criança ao ser despejado, junto com a mãe e os irmãos, da casa em que vivia: não esperaram ao menos que o pão que estava no forno terminasse de assar. João revela, então, onde nasceu o gérmen da sua saída da Ilha:

Para ele, a ilha era uma casa a cheirar à fartura de um forno cheio de pão, e alguém, ou um destino qualquer que ninguém sabia ou queria dominar, a despejar de lá de dentro quem lá vivia. Desde esse dia, em que o senhor Francisco, para dar a um filho e pela força de um papel ditado pela cabeça de um velho tarouco, expulsara a família da casa que sempre chamara sua, João nunca perdoou à ilha... (p. 152)

No nono dia, João cumpre a promessa e a sua viagem se torna possível. Volta para casa com a pressa de quem quer partir logo. Com as passagens nas mãos, nada mais o detém, a não ser o último ato, a despedida da sua fiel cadela Diana. Num difícil ritual, despede-se da Ilha através da conversa com o animal. «Não deixo para trás nada que me faça falta, a não ser tu Diana.» (p. 169) Hesita: «Espera, deixa-me tocar na terra, é a última vez que a vejo minha»... (p. 173) Brinca com a cadela que

obedece a cada uma das suas ordens. – «Morre, Diana. A cadela deitou-se, imitando a morte sem saber o que imitava. João pegou no sacho, ergueu-o e apontou à cabeça. A pancada caiu certa e fulminante.» (p. 175) João mata o seu último vínculo com a Ilha. Parte para a terra estrangeira.

Ilha Grande Fechada é mais uma obra de autores Pós-25 de Abril que questiona a nação a partir da construção de um Império e da sua desconstrução, avaliando o preço pago. João acabara de chegar do campo de batalha, num espaço provável de tempo entre o final de 1960 e início de 1970 e prepara-se para cumprir o ritual religioso, último ato antes de sair da Ilha, ir para a América, para repetir outro ritual açoriano ou português, o da emigração. Ao apresentar essa «ilha» mítica, metaforicamente Portugal, não mais centro, mas periferia, o autor propõe, também, uma perspectiva diferente do pós-colonialismo, quando revê a posição do português que vai para a América, não mais como conquistador mas como conquistado.

A obra apresenta, também, a visão do colonizador na contramão da sua posição histórica. O soldado português, representante do poder colonial, é quem faz a reflexão sobre o seu próprio papel frente ao povo descalço e faminto que combate, ao cumprir o ritual da guerra. Muitos escritores portugueses tratam as suas narrativas de guerra não só como denúncia, mas como forma de confissão de culpa, a culpa portuguesa, a culpa do Império, que insistia em continuar mantendo homens embarcados, eternamente a levar a Fé e o Império.

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a representação da nação na obra *Ilha Grande Fechada* do escritor açoriano Daniel de Sá, como possibilidade de revisão da história de Portugal, desde os equívocos do Império à manutenção da política colonial. Na particular circunstância de uma ilha (País?), a revisão dos rituais portugueses da religião, da guerra e da emigração.

Palavras-chave: Daniel de Sá; romance português contemporâneo.

Abstract: *This article proposes a reflection on the representation of the nation in the work Ilha Grande Fechada from the Azorean writer Daniel de Sá, as a possibility to examine Portugal's history, analyzing the Empire's mistakes and the maintenance of the colonial policy. The Portuguese religious, war and immigration rituals are analyzed through the particular circumstance of an island (Country?).*

Keywords: Daniel de Sá; contemporary Portuguese novel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREITAS, Vamberto. *Mar cavado... Da literatura e de outras narrativas*. Lisboa: Salamandra, 1998.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1997.
- RENAN, Ernest. «What is a nation?» In: BHABHA, Homi. *Nation and Narration*. London: Routledge, [s.d.]
- SÁ, Daniel de. *Crônica do Despovoamento das Ilhas – (e outras cartas de El-Rei)*. Lisboa: Edições Salamandra, 1995.
- *Ilha Grande Fechada*. Lisboa: Edições Salamandra, 1992.

¹ GARCIA, José Martins. *Contrabando Original*. Lisboa: Veja, 1987, p. 51.

² FREITAS, Vamberto. *Mar Cavado – Da literatura e de outras narrativas*. Lisboa: Salamandra, 1998, p. 142.

³ SÁ, Daniel de. *Crônica do Despovoamento das Ilhas — (e outras cartas de El-Rei)*. Lisboa: Edições Salamandra, 1995, p. 18.

⁴ RENAN, Ernest. «What is a nation?» In: BHABHA, Homi. *Nation and Narration*. London: Routledge, [s.d.], p. 9. Tradução livre da autora.

⁵ SÁ, Daniel de. *Ilha Grande Fechada*. Lisboa: Edições Salamandra, 1992, p. 9.

⁶ HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1997, p. 58.

